

# COMPOSTOS DE DISCURSO DIRETO NO PORTUGUÊS DO BRASIL: INTERAÇÃO FICTIVA NO LÉXICO

## DIRECT SPEECH COMPOUNDS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: FICTIVE INTERACTION IN LEXICON

José Carlos da Costa Junior\*  
carlosjuniorcosta1@gmail.com

Luiz Fernando Matos Rocha\*\*  
luiz.rocha@ufjf.edu.br

O objetivo deste artigo é identificar, descrever e analisar os padrões formais exemplos de Compostos Nominais de Discurso Direto (CDDs) no português brasileiro, concebidos como um complexo lexical que se caracteriza por possuir um nome (N) ou sintagma nominal (SN) e um modificador em discurso direto fictivo, assim exemplificados: “aliança *eu escolhi esperar*”, “dia do *Fico*”, “boquinha de moranguinho *assim me sujei com morango, sabe?*” e “maquiador” (*adoro* + maquiagem). Fundamentamos nossas reflexões com base em autores da Linguística Cognitiva, tais como Langacker (2008), Talmy (2000) e, principalmente, Pascual (2014, 2016). A partir das 44 ocorrências de CDDs em modalidade escrita de português brasileiro, extraídas da internet, arregimentaram-se quatro padrões formais, na seguinte ordem de frequência: (i) S(N) + preposição “de” + modificador de discurso direto; (ii) (S)N + modificador de discurso direto; (iii) S(N) + (preposição “de”) + angulador “(tipo) assim” + discurso direto; e (iv) nome + morfema de discurso direto (em uma mesma palavra). Postula-se que os CDDs sejam uma forma de mesclagem léxico-discursiva em que a adjetivação de nomes se estrutura por meio do *frame* de conversação, forjando dramaticidade no interior do composto, fato que promove efeitos como humor, caricatura, crítica e persuasão.

**Palavras-chave:** compostos de discurso direto, fictividade, linguística cognitiva

The aim of this article is to identify, describe and analyze the formal patterns and examples of Direct Speech Compounds (DSCs) in Brazilian Portuguese. DSCs consist of a noun (N) or a nominal phrase (SN) and a fictive direct speech modifier, as

\* Doutorando em Estudos Linguísticos pela UFMG, Brasil.

\*\* Doutor em Linguística pela UFRJ. Professor na Faculdade de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF, Brasil.

follows: “aliança *eu escolhi esperar*”, “dia do *Fico*”, “boquinha de moranguinho *assim me sujei com morango, sabe?*” e “maquiador” (*adoro* + maquiagem). Our theoretical background is mainly based on Cognitive Linguistics authors such as Langacker (2008), Talmy (2000) and especially Pascual (2014; 2016). Methodologically, we have made an internet research on Google and we have found 44 DSCs occurrences in Brazilian Portuguese. The data analysis revealed four types of DSC patterns, in the following order of frequency: (i) N (P) + PREPOSITION “DE” + DIRECT SPEECH MODIFIER (ii) N(P) + DIRECT SPEECH MODIFIER, (III), N (P) + (PREPOSITION “DE”) + HEDGE (TIPO) ASSIM + DIRECT SPEECH MODIFIER and (IV) NOUN + DIRECT SPEECH MORPHEME (in the same word). We claim that DSCs are a kind of lexicon-discourse blend in which the semantic noun elaboration, usually made by adjectives, are structured by the conversational frame, resulting in expressive effects such as humor, caricature, critic and persuasion.

**Keywords:** direct speech compounds, fictivity, cognitive linguistics

\*

## 1. Introdução

Este trabalho identifica e descreve os padrões formais e analisa exemplos do que denominamos Compostos Nominais de Discurso Direto (CDDs) no português do Brasil. Trata-se de um fenômeno muito produtivo e de acentuada expressividade semântica, porém isso não necessariamente impacta sua frequência de uso, considerada relativamente baixa.

Compostos como “maquiagem *eu nasci linda*”, “olhar de *me leva pra casa*” e “turma do *eu me acho*” são exemplos dessa pesquisa, compostos esses que se constituem de um elemento modificado mais modificador de discurso reportado fictivo, este entendido por Pascual (2014) como unidade de discurso autossuficiente, como turno conversacional fictivo ou não genuíno. “Eles (os CDDs) são estruturados pelo *frame* de conversação e são baseados em nossa experiência cotidiana com a comunicação situada. Consequentemente, constituem-se como instâncias de interação fictiva” (Pascual 2014, p. 104)<sup>1</sup>.

1 “They are structured by the conversation frame as they are based on our everyday experience with situated communication. Hence, they constitute instances of fictive interaction” (Pascual, 2014, p. 104).

A opção por tratar essa construção como um composto se deve ao nosso alinhamento teórico com Pascual (2014), a qual utiliza o termo *Direct Speech Compounds* (Compostos de Discurso Direto, em tradução livre) e considera o fenômeno da fictividade, este discutido na seção 2 deste trabalho, em sua análise. Outros estudos dessa construção, tais como a de Vachek (1976, p.323) e de Dressler (2006, p.28), denominam-na *Quotational Compounds* (Compostos de Citação, em tradução livre) ou *Phrasal Compounds* (Compostos de Sintagma, em tradução livre), mas não consideram a fictividade do turno de fala em sua análise.

Os padrões morfossintáticos dos CDDs, levantados ao longo da pesquisa e apresentados em termos distribucionais, potencializam não apenas inúmeras possibilidades de preenchimento do nome modificado, mas sobretudo do modificador de discurso direto não genuíno. No caso, a modificação nominal é promovida por enunciados fictivamente reportados, que evocam o *frame* de conversação. Nesse sentido, a gama de combinações do modificador com o nome é potencialmente abundante. No entanto, os quatro *types* de CDDs verificados contemplam modificadores geralmente associados a enunciados com estrutura de discurso reportado em primeira pessoa, com verbos no presente ou no passado perfeito, no indicativo ou no imperativo, o que, de certa forma, delimitaria as formas de expressão dos modificadores. Mesmo assim, sua dimensão adjetival tende a se matizar substancialmente com a integração da interação fictiva no nível lexical.

## 2. CDDs, interação fictiva e fictividade

Considere-se o exemplo abaixo de CDD, o qual foi extraído de um tutorial de maquiagem do *You Tube*:

1. Maquiagem (N ou SN) *nasci linda* (MODIFICADOR EM DISCURSO DIRETO OU DE INTERAÇÃO FICTIVA)<sup>2</sup>

No exemplo 1, tem-se um CDD formado por um nome e por um modificador em discurso direto. O termo “não genuíno” em um CDD significa que o discurso direto integrado não se refere a uma interação que ocorreu de fato, mas a uma interação fictiva baseada em nossa estrutura partilhada de conhecimentos acerca de interações cotidianas, estrutura esta que aqui se denomina de

2 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5e5da8L2KUw>. Acesso em: 23/05/2017.

*frame* de conversação (Pascual 2014), para recriar o léxico. Em outros termos, os sujeitos cognitivos fazem uso metalinguístico de estruturas de conversação para enquadrar e modificar eventos e entidades, circunscrevendo-os de um modo ainda mais específico e expressivo do que a adjetivação canônica.

No caso de (1), o modificador “nasci linda” não foi necessariamente enunciado por alguém, como em uma interação real, e tampouco possui, em si, uma força ilocutiva. Na verdade, o sentido desse CDD é de uma maquiagem de tamanha naturalidade que faz alguém aparentar beleza sem parecer que se maquiou. A especialização do modificador fictivo garante essas nuances de sentido ao elemento modificado e aprofunda o processo de lexicalização do composto à medida que amplia a dimensão do *construal* ou da perspectivação conceptual em termos de resolução. Uma expressão com grande resolução é “uma expressão altamente específica que descreve uma situação de modo detalhado” (Langacker 2008, p. 55).

Típica do *frame* de conversação como um enunciado marcado por um verbo em primeira pessoa e no pretérito perfeito, a expressão “nasci linda”, ao interagir com o CDD, redimensiona-se deitivamente. De factiva, a dêixis se torna fictiva devido ao desengajamento de instâncias particulares em prol da genericidade. O “eu” desinencial se torna um representante de uma classe em vez de referenciar um indivíduo exclusivamente. Já o pretérito perfeito do turno interacional fictivo não se ancora ao centro dêitico de um suposto discurso factivo, mas se fictiviza de forma a se tornar engajado ao futuro. Assim, de passado perfectivo, o verbo do turno fictivo passa a codificar um passado com inclinações imperfectivas, visto que há uma discrepância temporal entre o pretérito perfeito do modificador “nasci linda” e o caráter injuntivo do contexto discursivo em que ele é utilizado, ou seja, o tutorial é um comando a ser seguido *a posteriori*. Talvez o turno fictivo do CDD não seja codificado no futuro (\*maquiagem *nascerei linda*) porque o efeito cômico de (1) possa ser atribuído ao uso do passado perfectivo, cuja ação seria representada em sua totalidade, com começo, meio e fim, para remeter a um resultado futuro, de tão certo e completo que ele será.

O exemplo (1) emblematiza, então, uma das instâncias do fenômeno da interação fictiva, que compreende uma interação conceptualizada entre o real e o imaginário, capaz de estruturar o pensamento, o discurso e a linguagem (Pascual 2014). O *frame* de conversação entraria nesse âmbito como subsídio conceptual inesgotável para a mesclagem léxico-discursiva que faz emergir o domínio dos CDDs. O termo “fictiva” em “interação fictiva” se

ancora a um fenômeno ainda mais amplo, denominado fictividade (Talmy 2000; “virtualidade”, em Langacker 1999; “fictividade”, em Langacker 2008).

Talmy (2000) define o termo “fictividade” como padrão cognitivo de representações discrepantes de um mesmo objeto, sendo uma delas avaliada como mais e a outra como menos verídica. Em outros termos, o conceptualizador é capaz de conviver com conflitos cognitivos na produção e interpretação do sentido, ora mais denotativo, ora mais conotativo, sem que ambos se excluam, mas geridos pelo gestaltismo das representações.

De modo complementar e tratando o fenômeno como “virtualidade”, Langacker (1999, p. 78) afirma que “afastamentos da descrição direta da realidade (percebida) são ubíquos e fundamentais na linguagem”, mitigando a máxima de que as expressões linguísticas apenas se referem a indivíduos ou relações reais, em função de a linguagem requerer imagens mentais.

Assim, a fictividade manifestada envolveria expressões linguísticas que estão indiretamente vinculadas a seus referentes pretendidos, por meio das quais cenários não-verídicos são frequentemente apresentados pelos usuários da língua com o propósito de obter acesso mental aos cenários efetivos (Pascual 2006). Enquanto o elemento fictício é avaliado pelo conceptualizador como objetivamente irreal e subjetivamente real, o fictivo é avaliado como objetivamente percebido e subjetivamente virtual. O factivo, por sua vez, é avaliado como objetiva e subjetivamente percebido. A fictividade estaria entre a realidade e a ficção.

Sendo assim, os CDDS se utilizam de cenários não-verídicos, não genuínos, indiretos, como o discurso reportado fictivo, para acessar de forma especializada os cenários efetivos, em que o nível de detalhamento do tipo de maquiagem em (1), por exemplo, só se torna possível de ser enquadrado se a dimensão do *construal* for ampliada em termos descritivos. O *frame* de conversação é relevante nesse sentido, pois subsidia a modificação do CDD, enriquecendo-o com a semantização da pragmática das interações.

### 3. Metodologia

As questões norteadoras desta etapa da pesquisa foram: que padrões formais o CDD apresenta? Qual é seu efeito discursivo? Que razões levam o enunciador a preferir o uso de um CDD a um modificador comum, como um adjetivo canônico? O CDD é, de fato, mais envolvente e cria efeitos discursivos mais persuasivos, como defende Pascual (2014)?

### 3.1. O rastreamento na internet

O rastreamento de CDDs no Português Brasileiro foi realizado por meio da busca de núcleos nominais específicos, tendo como instrumento a plataforma *Google*. Pascual (2014) utilizou mecanismo similar para encontrar exemplos de CDDs em inglês. Nossa pesquisa se inspirou em seu percurso metodológico.

Empreendeu-se, assim, uma busca na internet por 92 núcleos nominais considerados potencialmente produtivos para CDDs do português brasileiro, sendo 50 traduzidos de Pascual (2014), de inglês para o português, além de 42, em português, propostos especialmente para este trabalho. São eles:

**Tabela 1. Núcleos nominais pesquisados na plataforma Google**

Núcleos nominais pesquisados	
Segundo Pascual (2014)	Propostos para este trabalho
“povo”, “grupo”, “geração”, “tipo”, “comentário”, “mensagem”, “desculpa”, “conversa”, “reprovação”, “discussão”, “promessa”, “mentira”, “botão”, “sinal”, “banner”, “romance”, “livro”, “manifesto”, “coluna”, “arquivo”, “uniforme”, “veículo”, “arte”, “roupas”, “gesto”, “visão”, “sorriso”, “cara”, “aceno”, “método”, “artimanha”, “tratamento”, “fórmula”, “solução”, “projeto”, “demonstração”, “disputa”, “iniciativa”, “atitude”, “mentalidade”, “abordagem”, “pensamento”, “sentimento”, “humor”, “lugar”, “marca”, “ano”, “estágio”, “era”, “situação”	“turma”, “galera”, “gente”, “gentinha”, “conversinha”, “papo”, “papinho”, “briga”, “para-choque”, “para-brisa”, “horóscopo”, “passatempo”, “camisa”, “sapato”, “chocolate”, “sobremesa”, “maquiagem”, “anel”, “aliança”, “cabelo”, “olhos”, “abraço”, “aperto de mão”, “chacoalhada”, “tapa”, “cumprimento”, “jeitinho”, “jeito”, “modo”, “associação”, “apoio”, “ <i>status</i> ”, “tempo”, “caminho”, “estrada”, “dia”, “mês”, “calendário”, “rota”, “período”, “promoção”, “jogo”.
<b>Total: 50</b>	<b>Total: 42</b>

Para o rastreamento desses núcleos, foi elaborado um comando no buscador do *Google* que contemplasse os padrões abaixo, todos referentes ao português. Esses padrões foram elaborados a partir de Pascual (2014), a qual traz vários exemplos de ocorrência dos CDDs em inglês. São eles:

Padrão (i): (S)N + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO

Padrão (ii): (S)N+ PREPOSIÇÃO “DE” + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO

Padrão (iii): S(N) + (PREPOSIÇÃO “DE”) + ANGULADOR (TIPO) ASSIM + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO

Padrão (iv): NOME + MORFEMA DE DISCURSO DIRETO (em uma mesma palavra)<sup>3</sup>

Para capturar os padrões (i), (ii) e (iii) em apenas uma busca, foi utilizado o seguinte comando (entre aspas) no *Google*:

“\*núcleo nominal\*eu\*”

As aspas sinalizam que os resultados devem ser encontrados nessa ordem. Já os núcleos nominais pesquisados são os descritos na tabela 1. O dêitico “eu” é usado como sinalizador de discurso direto, apesar de não ser a única forma de sua ocorrência. Já os asteriscos indicam que qualquer palavra poderia preenchê-los. O primeiro asterisco contempla principalmente qualquer determinante que, por ventura, tenha antecedido o nome, ou qualquer outra classe gramatical que ali estivesse. Já o asterisco após o núcleo nominal indica que a preposição “de” poderia preenchê-lo ou um angulador como “tipo/assim”. O último asterisco, após o dêitico “eu”, indica que qualquer oração, em discurso direto, poderia preenchê-lo.

Não foi efetuada uma busca específica no *Google* para CDDs do padrão (iv), pois, nesse caso, há perda de material fonológico do nome e sobreposição fonológica da última sílaba, de modo que se tornava extremamente difícil de capturar sua ocorrência e a forma que poderia tomar. Tais compostos foram encontrados aleatoriamente e se referem aos nomes “maquiagem” e “chocolate”, exatamente com a mesma fórmula para os padrões (i), (ii) e (iii), só que mais integrados à estrutura da palavra.

#### 4. Resultados

A partir da pesquisa realizada, foram encontrados os mesmos padrões que haviam sido apresentados na metodologia e aqui reproduzidos:

Padrão (i): (S)N + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO

3 Pascual (2014, p.94) não se refere ao padrão (iv) como nos termos deste trabalho. A autora não menciona o termo “mesclagem lexical” e trata os modificadores de discurso direto como prefixo ou sufixo.

Padrão (ii): (S)N+ PREPOSIÇÃO “DE” + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO

Padrão (iii): S(N) + (PREPOSIÇÃO “DE”) + ANGULADOR (TIPO) ASSIM + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO

Padrão (iv): NOME + MORFEMA DE DISCURSO DIRETO (em uma mesma palavra)

Foram encontradas 44 ocorrências de CDDs, os quais pertencem aos quatro tipos de padrões pesquisados.

O padrão (i) foi o segundo com mais ocorrências e apresentou 16 exemplos de CDDs, entre eles<sup>4</sup>:

2. Maquiagem *super acordei e sou linda*.
3. Camisa *laranja cheguei*.
4. Esmalte *gosto de carinho/estou de tpm/ me abraça*.
5. Casaquinho *não me perca na neve*.

Já o padrão (ii) foi o mais frequente e apresentou 25 exemplos de CDD, tais como:

6. Dia do *Fico*.
7. Geração do *eu mereço*.
8. A turma do *eu me acho*.
9. Denúncias de *eu não dou conta do meu filho*.
10. Postura de *eu quero que você suporte ouvir o que lhe desagrada, mas não suporte o desagrado de ouvir que o que eu disse lhe desagradou*.
11. Olhar de *me leva pra casa*.
12. Paul faz show com cara de *já te vi*.
13. Cabelo de *vem cá meu puto*.
14. Como você reage na hora do *vamo ver?*
15. Essa cara de *eu não faço ideia do que tá acontecendo aqui?*
16. Cara de *eu te disse*.
17. Aperte o botão do *foda-se* e seja feliz.
18. Atlético mineiro aposta na turma do *eu acredito*.
19. Cresce a turma do *não vou* em protesto contra Dilma.

Tanto o padrão (iii) quanto o padrão (iv) apresentaram apenas dois e três exemplos, respectivamente, reproduzidos a seguir:

<sup>4</sup> Todos os exemplos de CDD, bem como em que gênero e modalidade foram encontrados, podem ser consultados *online* em <http://repositorio.uff.br:8080/xmlui/handle/uff/2606>

## Exemplos do padrão (iii):

20. Boquinha de moranguinho...assim, *me sujei com morango, sabe?*  
 21. Odeio gerações do tipo: *se eu não correr atrás de você a gente não se fala.*

## Exemplos do padrão (iv):

22. Maquiadoro  
 23. Maquiamo  
 24. Chocolateamo

## 4.1. Análise dos padrões morfossintáticos dos CDDs

Os CDDs dos padrões (i), (ii) e (iii) apresentam um nome ou sintagma nominal antes do modificador. No padrão (i) (exemplo 26), não há preposição entre o SN e o modificador. Já no padrão (ii) (exemplo 27), o modificador é precedido pela preposição “de”, enquanto o padrão (iii) apresenta um angulador, precedido (exemplo 29) ou não (exemplo 28) de preposição entre o SN e o discurso direto.

25. Esmalte *estou de tpm*  
 26. Cara de eu te disse  
 27. Boquinha de moranguinho, assim, *me sujei com morango, sabe?*  
 28. Odeio gerações do tipo: *se eu não correr atrás de você a gente não se fala*  
 29. Geração do eu me acho

O discurso direto encontrado nos CDDs se manifesta de diversas formas. Em (30), é possível constatar a primeira pessoa do singular pelo pronome reto “eu” e, em (31), pelo pronome oblíquo “me”, enquanto em (32) é possível reconhecer a primeira pessoa do plural pela forma verbal no presente do indicativo “vamo”. Já em (33), não há forma verbal ou dêitico que indique a existência de um enunciador fictivo, mas é possível identificá-lo pelo conhecimento de uma cena de saudação entre duas pessoas e pela possibilidade de abstração dos participantes desse tipo de interação.

30. Olhar de me leva pra casa  
 31. Hora do vamo ver  
 32. Abraço ei, querida<sup>5</sup>

5 Ocorrência especialmente encontrada na pesquisa no *corpus* C-Oral Brasil (Raso e Mello, 2012).

No caso do padrão (iv), os três compostos encontrados possuem uma configuração especial, visto que o modificador em discurso direto se aloca juntamente com o nome em questão, formando uma palavra só, com supressão ou não de fonemas ou algumas sílabas.

Nos exemplos dos padrões (i), (ii) e (iii), a extensão dos modificadores encontrados é variável. Há desde modificadores com apenas duas palavras e formados por SV + complemento (exemplo 34), a verdadeiros monólogos constituídos de períodos compostos por subordinação e coordenação com muitas orações (exemplo 35):

33. Esmalte *me abraça*.
34. Postura de *eu quero que você suporte ouvir o que lhe desagrada, mas não suporte o desagrado de ouvir que o que eu disse lhe desagradou*.

Já os três exemplos encontrados do padrão (iv) possuem extensão curta e não apresentam modificadores como o de (35). Isso talvez se deva ao fato de que tais exemplos pareçam se comportar mais como uma palavra de formação mais estrita do que as demais construções de discurso direto dos outros padrões. Essa restrição ocorre devido, principalmente, à supressão ou ao compartilhamento fonológico entre o nome e o morfema de discurso direto, além da grande extensão silábica que uma única palavra assumiria no léxico caso tivesse um modificador como o de (35).

Com relação ao tamanho dos modificadores dos padrões (i), (ii) e (iii), é possível afirmar que a grande extensão de um CDD não impede ou não dificulta seu entendimento, ainda que a lexicalização de um CDD, como o do exemplo (35), seja pouco provável na fala. Uma hipótese é a de que, quando estruturado pelo *frame* de conversação aos moldes de uma interação fictiva, a conceptualização do modificador é facilitada, visto que o *frame* de conversação, tal como afirma Pascual (2014, 2015), é algo absolutamente entrenchado na mente dos falantes, em geral.

Dessa forma, ainda que um CDD tenha grande extensão devido a seu modificador, como em (35), o entendimento do CDD é viável, pois o cenário construído a partir do discurso direto é uma cena dinâmica e baseada nas experiências de interação do falante ao longo de sua vida.

#### 4.2. Interação entre tempo e aspecto verbal

Nos CDDs, foram encontrados verbos em perfectivo passado, em perfectivo presente e imperfectivo presente, mas nenhum em imperfectivo passado, segundo a terminologia de Langacker (2008), de acordo com os exemplos e discussão abaixo:

- I. Maquiagem super **acordei** e **sou** linda (PERFECTIVO PASSADO e IMPERFECTIVO PRESENTE)
- II. Esmalte **gosto** de carinho (IMPERFECTIVO PRESENTE)
- III. Almoço já te **vi** antes (PERFECTIVO PASSADO)
- IV. A turma do eu me **acho** (IMPERFECTIVO PRESENTE)
- V. Promoção eu **vou** de Montana (PERFECTIVO PRESENTE)

Em (I), a forma verbal “acordei” é exemplo de verbo perfectivo passado. Isso significa que o conceptualizador processa o evento de acordar como anterior ao evento de fala e que tal ocorrência teve um começo e um fim. Portanto, esses verbos são heterogêneos na conceptualização de seu conteúdo processual, pois há mudança de um acontecimento do começo ao fim. A mesma análise é válida para o verbo “vi”, no exemplo (III).

Já o verbo “sou” do exemplo (II), o verbo “gosto”, do (II), e o verbo “acho”, do (IV), são verbos no imperfectivo presente, uma vez que são homogêneos em sua conceptualização processual, pois não há delimitação de início ou fim da situação evocada por eles. Em outras palavras, o conceptualizador não abstrai o início e o fim do processo de “ser” e tampouco de “gostar” ou “achar”. Nos três verbos mencionados, o evento de fala coincide com o presente temporal.

No exemplo (V), tem-se um exemplo do verbo “ir” no perfectivo presente, “vou”. Isso significa que tal verbo perfila um evento delimitado temporalmente e, portanto, heterogêneo em seu início e fim, ainda que esse verbo também guarde um sentido não apenas de presente, mas também de futuro.

Não foi encontrado nenhum modificador com o tempo/aspecto de imperfectivo passado e no tempo do pretérito imperfeito. Cabe excetuar o exemplo (1), “Maquiagem *nasci linda*”, cujo modificador é marcado por um verbo no pretérito perfeito que tende a se imperfectivizar. Isso se deve a uma discrepância temporal entre o pretérito perfeito do modificador “nasci linda” e o caráter injuntivo do tutorial em que a ocorrência se encontra, que é relativo a comandos a serem seguidos no futuro.

## 5. Análise de ocorrências contextualizadas de CDDs

Nesta seção, para cada tipo de padrão de CDD, foi selecionado um exemplo, com vistas à exposição de inflexões de natureza qualitativa.

### 5.1. Exemplo do padrão (i)

Observe o anúncio abaixo, extraído do site de uma loja de produtos relativos a um culto religioso e a seus participantes, bem como o comunicado a seguir:



Figura 1. Anúncio de loja online.

#### COMUNICADO

Devido a grande procura das Alianças em nossa Loja Virtual segue um esclarecimento.

#### **As alianças não estão disponíveis para aquisição pela internet:**

Nosso desejo é que os ANÉIS se tornem símbolo de um COMPROMISSO e não apenas um acessório no corpo. Por se tratar de uma Campanha TODOS os outros produtos disponíveis na Loja virtual são materiais promocionais de divulgação e publicidade.

As ALIANÇAS estão disponíveis apenas para aqueles que PARTICIPAM de alguma ministração com o “Eu Escolhi Esperar”. Afim de que as pessoas compreendam o sentido do seu uso.

Todos os seminários ao final fazemos uma ALIANÇA DE COMPROMISSO e todos que desejarem podem ao final comprar APENAS 01 ALIANÇA.

ALÉM DISTO temos problemas em relação ao tamanho das alianças. Muitas vezes as medidas que as pessoas nos informam não estão de acordo com a medida do nosso fornecedor e isso provocaria um grande número de reclamações e

devoluções, gerando muitos transtornos para ambos. Contamos com a sua compreensão, e te esperamos em um dos nossos seminários. Acompanhe nossa Agenda: [www.euescolhiesperar.com/agenda](http://www.euescolhiesperar.com/agenda) Coordenação.”

### 35. Aliança *eu escolhi esperar* <sup>6</sup>

O anúncio em questão condiciona a venda de um tipo de aliança à participação do possível comprador em um grupo chamado “Eu escolhi esperar”, de forma que apenas os participantes de tal grupo podem adquiri-lo. Neste CDD, o modificador “eu escolhi esperar”, juntamente com o nome “aliança”, evoca cenas diversas a eles associados metonimicamente. A interpretação de “Aliança *eu escolhi esperar*”, como um todo holístico ou como um item lexical, diz respeito às pessoas que optam por ter relações sexuais apenas depois do casamento e, portanto, escolhem “esperar” o matrimônio para ter essa experiência.

A conotação sexual de (36) se deve ao fato de o modificador “eu escolhi esperar” se apresentar de transitivizado, isto é, sem complemento expresso sintaticamente, quando a expectativa *default* era a de que houvesse a transitividade canonicamente marcada. A inferência pragmática de uma construção desse tipo, tal como afirma Bronzato (2000), é a de conceptualizá-la como um tema tabu, nesse caso, aguardar a relação sexual, a ser efetivada apenas depois do casamento. O acionamento do *frame* de interdição via lacuna sintática evita o “constrangimento” da expressão linguística do objeto (“relação sexual”), contando-se, assim, com processos inferenciais para a consolidação de seu sentido.

Conforme a autora, trata-se de uma especialização de sentido do verbo de transitivizado, diferente da generalização que seria instanciada por sua intransitividade, como em “O amor espera”. Isso faz com que a cognição do falante enquadre o sentido do verbo como uma conduta a ser seguida, principalmente sendo ela relacionada a sexo. Embora possa ser considerado um fenômeno sintático, a de transitivização explícita que algo não foi dito para que o “dito” seja inferido apenas cognitivamente.

Ocorre que essa explicação não contempla toda a construção de sentido do CDD, uma vez que existe uma sequência metonímica profunda envolvida, principalmente devido ao nome “aliança”. Isso significa que uma metonímia,

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.lojaeuescolhiesperar.com/alianca>

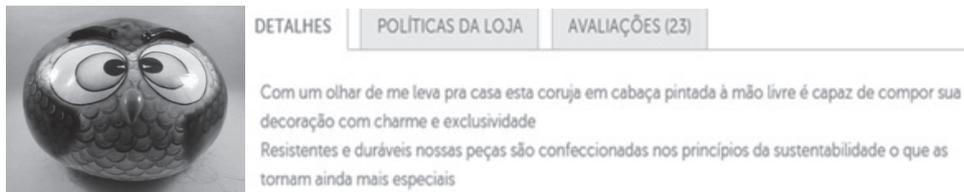
compreendida como o entendimento de todo o conteúdo conceptual por parte desse conteúdo (Langacker, 2008), dispara inferências e outras metonímias, formando um tipo de cadeia metonímica (Hilpert, 2007) requisitada para o entendimento do CDD.

A associação *default* de aliança a casamento se deve à metonímia ALIANÇA POR CASAMENTO. Por meio do nome “aliança”, o conceptualizador remete não apenas ao objeto físico em si, mas também a casamento ou a compromisso amoroso, tal como um noivado, no qual anéis geralmente são compartilhados entre os noivos. O CDD (36) evoca também potenciais participantes do evento, isto é, os que acreditam na importância do cumprimento da conduta, fictivizados pela dimensão generalizante da dêixis e desengajados de instâncias particulares, o que é condizente com o apelo ideológico que almeja atingir muitos.

Conforme o comunicado de (36), a aliança só é vendida aos praticantes de um seminário, que se denomina “Eu escolhi esperar” e diz respeito ao principal credo de seus praticantes, isto é, o de que é necessário esperar o casamento para ter a primeira relação sexual. Desse modo, o nome do seminário compõe e comprime metonimicamente a ideologia do seminário, descrita no comunicado como um todo. Essa metonímia, por sua vez, encadeia-se a outras, formando uma sequência a partir da qual é possível fazer outras inferências: quem possui a aliança é um praticante dessa ideologia e assume a virgindade, ainda que não expressa verbalmente pela condição destransitivizada do modificador de CDD, mas pressuposta.

## 5.2. Exemplo do padrão (ii)

Considere o exemplo abaixo, retirado de um anúncio<sup>7</sup> de uma loja online de artesanato.



**Figura 2. Anúncio de loja online de artesanato.**

<sup>7</sup> Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/568649890428846193/> . Acesso em: 10/04/2017 (formatação adaptada).

A partir do anúncio acima, tem-se o seguinte CDD, em negrito:

36. Com um **olhar de me leva pra casa** esta coruja em cabaça pintada à mão livre é capaz de compor sua decoração com charme e exclusividade.

O modificador “me leva pra casa” é um enunciado cuja forma verbal “leva” está no imperativo afirmativo e cuja força ilocucionária não é a mesma da cena conversacional, na qual o turno de fala seria genuinamente expresso. O exemplo (37) não tem, em si, valor pragmático de pedido ou ordem, contudo apenas remete estrutural e cognitivamente a isso por meio do *frame* de conversação, que não configura uma conversação em si. A remissão ao que se conhece como pedido ou ordem evoca três elementos básicos: (i) quem pede, (ii) a quem se pede e (iii) o pedido.

Neste caso, (i) é o olhar da coruja, pois, nominalizado pelo artigo indefinido “um”, esse olhar pode ser concebido metonimicamente como quem pede. O “olhar” do objeto está pelo objeto, que se fictiviza ao adquirir animacidade conceptual. Já (ii) é o consumidor do produto, para quem é dirigido o anúncio. Embora “levar” não lexicalize o ato verbal de compra, a inferência pragmática garante que o produto só será “levado” mediante pagamento. O elemento (iii), por sua vez, é o pedido fictivo de compra feito pelo “olhar suplicante” do objeto, cuja personificação, realçada pelo *frame* de conversação atribuído a algo inanimado, compõe o apelo expressivo capaz de sensibilizar o consumidor para a compra, como uma espécie de efeito Pinóquio.<sup>8</sup>

Assim, todas essas expectativas e inferências acerca do modificador transformam-no em um dinâmico cenário de conceptualização que pode ser mais convincente para um comprador do produto do que apenas um modificador usual. Os CDDs também parecem lançar luz sobre o poder retórico da interação fictiva como um todo, o que dá ao usuário desse composto mais condão argumentativo. O CDD “olhar de *me leva pra casa*” tem mais força argumentativa lexical do que “olhar de pedinte”, visto que recorre ao poder da imaginação, como processo de integração conceptual (Fauconnier & Turner, 2002).

8 Pinóquio é própria personagem de ficção criada por Carlo Collodi. Esculpida a partir do tronco de uma árvore por um entalhador chamado Geppetto, Pinóquio “nasceu” como um boneco de madeira que sonhava em ser um menino.

### 5.3. Exemplo do padrão (iii)

O exemplo abaixo é uma transcrição literal de um vídeo do *Youtube*<sup>9</sup>, no qual duas amigas conversam sobre moda e produtos de beleza.

37. [...] Então, meu terceiro item é este batom que eu comprei na última viagem, da *Loreal*, eu gostei muito dele. Ele se chama *Aphrodite Scarlet*, número zero seis. Ele é só... bem fraquinho, assim, sabe aquela **boquinha de moranguinho**, assim, “me sujei com morango, sabe?” Oh! Aconteceu! Ah! Tinha esse moranguinho assim...[...]

Nesse CDD, o angulador “assim”, muito típico do prefácio ilocutivo na oralidade, permite que sua enunciativa force a reconceptualização tanto da “boquinha de moranguinho” quanto da cor suave do batom por meio de uma cena de interação. Essa cena de interação é de natureza fictiva, pois não é tomada como se ocorresse de fato, mas se trata de um modo inusitado de reconstruir o conteúdo conceptual da cor do batom de modo mais dinâmico e de produzir humor, visto que ambas as participantes dão risadas após sua enunciação.

Nesse caso, nota-se como o modificador em discurso direto fictivo pode ser mais interessante e rico conceptualmente do que um adjetivo como “suave” ou “vermelho leve”, por exemplo. Apesar de ser igualmente possível utilizar um adjetivo canônico para elaborar o sentido da “boquinha de moranguinho”, mais dificilmente haveria risos após sua enunciação. A expressividade desse modificador é matizada pela forja de uma conversação não genuína, porém impactante pela carga dramática da representação. Ao se adicionar drama ao processo de lexicalização, o sujeito cognitivo cria uma cena no âmbito da palavra em que se figura ou se imita a ação direta dos indivíduos. Como processo mimetizante, apresenta nuances caricaturais e exageradas, como um *construal* já perfilado para ser concebido como algo tão excessivamente enfático que ultrapassa os limites do que é concebido como verídico para atingir planos imaginativos.

Dessa forma, a enunciativa faz uma espécie de animação (Goffman 1979) do discurso de um falante fictivo. Essa animação significa que a enunciativa é apenas a responsável pelo ato físico de enunciação do CDD. O autor desse discurso seria um enunciador fictivo licenciado pelo *frame* de conversação

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SmfwUmybuWs>. Acesso em : 01/06/2017. Tempo do excerto transcrito: 3:18 min a 3:40 min.

e não há responsável por esse enunciado. Trata-se apenas da capacidade do falante de se basear em suas interações cotidianas e sua capacidade de transportar essas práticas de linguagem para a própria linguagem.

#### 5.4. Exemplo do padrão (iv)

Para a discussão do sentido e formação do padrão (iv), serão utilizados dois exemplos:

- 38. Maquiadoro
- 39. Maquiamo

Esses exemplos compartilham um mesmo esquema cognitivo que licencia o aparecimento de tais compostos no léxico: NOME + MORFEMA DE DISCURSO DIRETO. Nos dois exemplos, a primeira palavra é um nome e perfila uma coisa em termos de Langacker (2008). Necessariamente, esse nome não emerge fonologicamente completo, mas apresenta uma porção fonológica que permite seu reconhecimento. Já a segunda parte advém do *frame* de conversação e consiste em um discurso direto fictivo, com a presença de um verbo.

Do ponto de vista sintático-semântico, o discurso direto fictivo funciona como um morfema que predica a palavra base. Entendemos morfema como uma unidade de sentido, podendo ser constituído por uma expressão linguística de qualquer tamanho (Talmy 2007). Desse modo, o nome em questão é reinventado conceptualmente pelo padrão construcional de discurso direto.

Em (39) /makiad'oru/ e (40) /maki'ãmu/, por exemplo, há perda de material fonológico /'zẽy/ do nome /maki'azẽy/ e a alocação do discurso direto /ad'oru/, em (39), e /ãmu/. em (40), sem perda do material fonológico desses dois últimos, mas a sobreposição do fonema /a/ de /makia/. Assim, o material fonológico de “adoro” e de “amo” é preservado na composição de uma da nova palavra. A inserção do discurso direto em (39) e (40) ocorre na sílaba tônica da palavra paroxítone “maquiagem”.

Nesses exemplos, a opção por tratar o nome “maqui” como “maquiagem” e não como “maquiador” se justifica pelo fato de ambos serem extraídos de lojas virtuais que vendem produtos de maquiagem. Por essa razão, o leitor é um cliente em potencial para comprar produtos de maquiagem e, obviamente, não maquiadores. Nesse caso, o discurso direto em (39) e (40) parece induzir

o conceptualizador a avaliar positivamente o nome em questão, “maquiagem”, fato que pode impelir a compra de um produto.

Outra questão a respeito do sentido de um CDD a nível morfológico é que seu sentido é um pouco mais composicional do que em cruzamentos vocabulares (Gonçalves & Almeida 2006) ou fusões vocabulares (Basílio 2010). Em compostos como *boilarina*, *burrocracia* e *lixeratura*, analisados por Basílio (2010), há uma mescla conceptual mais profunda dos domínios cognitivos envolvidos. Dessa forma, as palavras predadoras, *boi*, *burro* e *lixo*, respectivamente, mudam completamente o sentido das palavras hospedeiras, ou seja, *bailarina*, *burocracia* e *literatura*.

No caso de mesclagem lexicais profundas como as de *boilarina*, *burrocracia* e *lixeratura*, há um comentário de cunho pejorativo inserido na palavra final. Dessa forma, o sentido de *boilarina* é de uma bailarina desajeitada e gorda, enquanto *burrocracia* é uma crítica à quantidade de procedimentos ou formalidades da burocracia. Já *lixeratura* tem o sentido de uma literatura de gosto duvidoso e ruim.

Já nos CDDs em nível morfológico encontrados, não se pode dizer que a palavra predadora muda o sentido da palavra hospedeira a ponto de contradizê-la ou mudar radicalmente seu sentido tal como em *boilarina*, *burrocracia* e *lixeratura*. Os domínios de um CDD em nível morfológico aqui discutidos aparentam ser menos mesclados. Conquanto haja a ativação de um *frame* de avaliação devido ao discurso direto fictivo, não há um comentário implícito nessas palavras, mas explícito.

## 6. Considerações finais

Neste trabalho, verificou-se a ocorrência dos compostos de discurso direto em português, assim como seus padrões formais e a formação de seu sentido, a partir de exemplos retirados em uma pesquisa na internet.

Foram encontrados quatro padrões diferentes de ocorrência desses compostos no português: (I) (S)N + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO, (II) S(N) + PREPOSIÇÃO “DE” + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO, (III), S(N) + (PREPOSIÇÃO “DE”) + ANGULADOR (TIPO) ASSIM + DISCURSO DIRETO e (IV) NOME+ MORFEMA DE DISCURSO DIRETO (em uma mesma palavra estrutural).

Cada um dos supracitados padrões apresentou uma quantidade de ocorrências distinta, sendo o (i) e o (ii) os padrões com mais exemplos, enquanto

o (iii) e o (iv) os com menos exemplos encontrados. Contudo, foi o aspecto qualitativo que marcou a proeminência do fenômeno, linguisticamente subsidiado por modificadores de discurso reportado fictivo, formados por dêixis de primeira pessoa, verbos no presente (perfectivo e imperfectivo) e no passado (perfectivo), nos modos indicativo e imperativo, em geral. O turno conversacional fictivo se integra ao composto nominal, por meio de mesclagem léxico-discursiva, formando unidades semântico-sintáticas autônomas. Sua interpretação requisita encadeadas inferências pragmáticas de caráter metonímico, que delimitam a natureza caricatural da modificação.

A natureza expressiva de sua configuração semântica, de contornos miméticos e dramáticos, faz dos CDDs um recurso altamente persuasivo em função do entrincheiramento do *frame* de conversação na cognição dos sujeitos. Com isso, torna-se um recurso impactante no âmbito do humor (*Almoço já te vi antes*), da caricatura (*boquinha de moranguinho, assim, “me sujei com morango, sabe?”*), da crítica (*A turma do eu me acho*) e da persuasão ideológica (*Aliança eu escolhi esperar*).

O uso dos CDDs sugere como novas expressões podem emergir a partir do conhecimento sobre padrões conversacionais e de como o léxico de um idioma não é estático, mas moldado pelo uso da língua. Por meio da abstração de padrões recorrentes em suas interações cotidianas, seu conhecimento de mundo e da própria língua, os falantes recorrem aos CDDs como um recurso diferenciado para enquadrar situações das mais diversas, como se fossem interações genuínas codificadas em palavras.

## Referências

- Basilio, M. (2010). Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais. *Textos selecionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa Linguística* (pp. 201-210). Porto: APL. Disponível em: <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/15-Margarida-Basilio.pdf>. Acesso em 12/10/2018.
- Bronzato, L.H. (2000). Inferências conversacionais e construções gramaticais: um processo sócio-cognitivo. *Revista Instrumento*, 2(1), 117-138. Disponível em: <https://instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/view/2567/1848>. Acesso em 12/10/2018.
- Dressler, W. (2006). Compound Types. In G. Libben & G. Jarema (Orgs), *The Representation and Processing of Compound Words* (pp.23-44). Oxford: Oxford University Press.
- Fauconnier, G. & Turner, M. (2002). *The way we think*. New York: Basic Books.

- Goffman, E. (1998). Footing. In B. Ribeiro, & P. Garcez (Orgs), *Sociolinguística Interacional* (pp. 70-97). Porto Alegre: AGE Editora.
- Gonçalves, C. A. & Almeida, M.L.L. (2007). Bases semântico-cognitivas para a diferenciação de cruzamentos vocabulares em português. *Revista Portuguesa de Humanidades*, 11, 75-85.
- Hilpert, M. (2007). Chained metonymies in lexicon and grammar. A cross-linguistic perspective on body part terms. In G. Radden, K. Köpcke, T. Berg *et al* (Orgs), *Aspects of meaning construction* (pp. 77-98). Amsterdam: John Benjamins.
- Langacker, R. (1999). Virtual reality. *Studies in the Linguistics Sciences*, 29(2), 77-103. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/9679/SLS1999v29.2-07Langacker.pdf?sequence=2> acesso em 12/10/2018.
- Langacker, R. (2008). *Cognitive Grammar*. New York: Oxford University Press.
- Pascual, E. (2014). *Fictive interaction. The conversation frame in thought, language, and discourse*. Amsterdam: John Benjamins.
- Pascual, E. (2006). Fictive interaction within the sentence: a communicative type of fictivity in grammar. *Cognitive Linguistics*, 17(2), 245-267.
- Raso, T. & Mello, H. (2012). *C-Oral Brasil: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: UFMG.
- Talmy, L. (2007). Attention phenomena. In H. Cuyckens & D. Geeraerts (Orgs), *The handbook of Cognitive Linguistics* (pp. 264-293). New York: Oxford University Press.
- Talmy, L. (2000). Fictive motion in language and “ception”. In L. Talmy (Org.), *Toward a cognitive semantics*, vol. 1 (pp. 125-162). Massachusetts: The MIT Press.
- Vachek, J. (1976). *Selected Writings in English and General Linguistics*. Prague: Academia.

[recebido em 11 de junho de 2017 e aceite para publicação em 27 de junho de 2018]